

ASPECTOS COGNITIVOS DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL DA CARTA DE APRESENTAÇÃO

JANETE MARIA DE CONTO
janetedeconto@terra.com.br

ABSTRACT

This study aims to investigate and analyse the relation between the theory about the cognitive development and the fulfilled practice in the discipline of Portuguese; technical and business composition, in the post-high school class of the Secretariado course of a Cruz Alta public school, with base in the reading and composition of textual genres recurrent in business environment, in this specific case, cover letter produced for person that applies for an employment post.

INTRODUÇÃO

Entende-se que o uso da linguagem é um instrumento de interação na prática social e que o ensino formal de Português como língua materna deve proporcionar ao aluno atividades de leitura e produção condizentes com as situações que ele enfrenta ou enfrentará na realidade. Neste caso específico, a referência é feita às situações comuns em ambientes profissionais do meio empresarial.

A prática aqui relatada foi desenvolvida em uma turma de 2ª etapa do curso Técnico em Secretariado, em nível de ensino pós-médio, integrada por 26 alunos, de uma escola pública, localizada no município de Cruz Alta. O curso técnico tem por característica habilitar o aluno profissionalmente a atuar no mercado de trabalho, por isso a disciplina de *Português: redação técnica e empresarial* tem por objetivo proporcionar aos alunos os conhecimentos referentes aos gêneros recorrentes no meio empresarial.

A carta de apresentação é um destes gêneros e, geralmente, acompanha o curriculum vitae, constituindo-se num texto comum no processo de seleção de candidatos a emprego.

Como os alunos terminam o curso, que dura um ano e meio, e vão em busca de um emprego como secretário (a), torna-se de extrema importância o ensino da produção deste gênero, utilizando-se, como estratégia de leitura, da motivação a partir de modelos produzidos em situações concretas e da necessidade real de sua produção. É importante ressaltar que as cartas de apresentação são escritas por adultos que já possuem amadurecimento cognitivo.

Assim, este artigo contém os resultados da investigação e análise da relação entre o desenvolvimento cognitivo da capacidade de leitura e habilidade de produção de textos de alunos, a partir da percepção de psicólogos cognitivos.

Acredita-se na importância deste estudo devido à necessidade cognitiva que estes alunos têm e terão de utilizar a linguagem recorrente em ambientes empresariais, lendo e escrevendo textos constituintes de gêneros que fazem parte, funcionalmente, de suas vidas.

A LINGUAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR

Uma das preocupações de Vygotsky, de acordo com Freitas (2002, p. 92),

foi a linguagem, abordando-a em seu aspecto funcional e psicológico e não como um sistema lingüístico de estrutura abstrata. Interessava-se por estudar a linguagem como constituinte do sujeito, enfocando seus estudos na relação pensamento e linguagem, pois as palavras têm um papel central no desenvolvimento do pensamento, na evolução histórica da consciência como um todo.

Por isso, a função da escola, ao contrário do que comumente acontece, deveria ser a de propiciar uma melhor interação do sujeito com o mundo e o sentido da aprendizagem, esclarecendo a relevância e a funcionalidade dos conhecimentos que precisam ser claras, tanto para os alunos, quanto aos professores.

Na concepção teórica histórico-cultural, o conhecimento significativo é o que se transforma em instrumento cognitivo do aluno, ampliando tanto o conteúdo quanto a forma do seu pensamento. Para Vygotsky (1998), maior expoente dessa linha teórica, as práticas culturais são constitutivas do psiquismo. O ensino formal faz parte dessa cultura, portanto, também contribui para a formação dos sujeitos.

Dentre todos os aspectos da escolarização, Vygotsky (1998) dedica especial atenção à formação de conceitos. Apropriar-se do conteúdo do conceito e da forma de interação dele com a realidade não é um processo simples, exige uma mediação intencional sobre esses dois aspectos. Nesse sentido, a teoria da atividade de Leontiev (1991) oferece elementos significativos para a compreensão da aprendizagem e conseqüentemente para a organização do ensino de conceitos.

Nesta teoria, a necessidade é o fator desencadeador da atividade; ela motiva o sujeito a ter objetivos e a realizar ações para supri-los. Considerando essa definição de atividade, pode-se inferir que nem todo processo é uma atividade, mas somente aquele que é movido por uma necessidade.

Concordando com Vygotsky (1998), sobre a abordagem histórico-cultural em psicologia, Oliveira reforça que existem três dimensões nos conceitos vygotkianos. A primeira dimensão é a idéia de libertação dos homens mediante o processo de abstração e generalização possibilitado pela linguagem. A segunda dimensão é a dos conceitos como um sistema complexo de inter-relações. Trabalha com relações e estruturas aplicáveis a todas as espécies de conceitos, tanto da esfera da ciência, quanto da esfera da vida cotidiana e do senso comum.

A terceira dimensão é a dos conceitos como processos de construção de significação entre os seres humanos, através da interação. É através da interação humana com objetos de ação e de conhecimento, com signos e significados culturais que se

constroem significados mediante processos de negociações interpessoais. O que concebe a importância de se trabalhar com gêneros.

GÊNEROS: LEITURA E PRODUÇÃO

Gramática, coesão e modalidades retóricas são extremamente importantes para a utilização da linguagem, porém tanto os alunos do ensino fundamental quanto os do ensino médio, pós-médio e superior — em seus diferentes cursos — precisam se preparar melhor, indo além dessas categorias, para ler e produzir textos nos contextos sociais, onde exercem suas funções de profissionais, cidadãos e, enfim, seres que agem e interagem através da linguagem na sociedade (Meurer e Motta-Roth, 1997, p. 7).

O trabalho com gêneros textuais em sala de aula propicia a aprendizagem da leitura e da escrita de diversos textos, com funções específicas. Trabalhando com gêneros, o professor não considera, somente, o aspecto formal do texto escrito, mas tende a proporcionar o uso efetivo do texto por seus alunos, oportunizando-lhes o desenvolvimento como indivíduos integrantes de uma sociedade letrada e, assim, a leitura e a escrita deixam de ser apenas práticas escolarizadas (Dionísio; Machado; Bezerra, 2005, p. 216).

As teorias cognitivas demonstram que as habilidades de leitura e escrita de gêneros são aprimoradas no decorrer da vida das pessoas, conforme suas necessidades. Buscando explicar como ocorre esse processo, Farnham-Diggory (1992, p. 281-284) apresenta o modelo de estágios de desenvolvimento da capacidade de leitura, que foi elaborado por Chall.

A partir desta proposta de divisão, percebe-se que os estágios mais avançados de leitura iniciam-se mais ou menos aos nove anos, mas é somente no último estágio que os indivíduos são realmente capazes de discutir as idéias de um autor e posicionarem-se sobre o que leram.

A memória de trabalho, nesta fase, está apta a formular sínteses dos múltiplos pontos de vista e o indivíduo passa a trabalhar a análise e o julgamento, avaliando o que leu e como leu. A habilidade de construção de conhecimento é fortalecida, o nível de abstração e generalização torna-se mais elevado e fica possível ao indivíduo criar a sua verdade a partir da verdade dos outros.

“É impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto.” Essa posição, defendida por Bakhtin (1997), é adotada pela maioria dos autores que tratam a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos e não em suas peculiaridades formais. Essa visão segue uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva.

Para aprender a escrever um determinado gênero de texto é necessário que os alunos sejam postos em contato com um corpus textual desse mesmo gênero, que lhes sirva de referência em situações de comunicação bem definidas e reais, para que, assim, se sintam motivados a escreverem seus próprios textos.

Ao professor cabe a função de motivar e fornecer ao aluno as condições adequadas de elaboração, permitindo-lhe empenhar-se na realização consciente de um trabalho de produção textual que realmente tenha sentido para si, e isso só é conseguido à medida que a proposição de produção textual seja bem clara e definida, apresentando-se as coordenadas do contexto de produção. É necessário que o aprendiz possa sentir que realmente está produzindo para um leitor, que não deve ser apenas o professor, eliminando a exclusividade das situações artificiais de produção textual tão presentes no cotidiano da escola.

Segundo Farnham-Diggory (1992), há dois tipos básicos de processamento de informação: *top-down* (descendente) e o *bottom-up* (ascendente). O primeiro faz uma leitura dedutiva, não-linear, das informações. Sua direção é da macro para a micro-estrutura do texto e da função para a forma. O segundo faz uma leitura indutiva, linear das informações, construindo o significado através da análise e síntese do significado das partes.

A psicologia cognitivista enfatiza a abordagem descendente, em seus modelos de aprendizagem. Tal abordagem privilegia o leitor que apreende rapidamente as idéias gerais e essenciais do texto, é fluente, mas deve ter cuidado para não fazer excessos de adivinhações do significado geral. Conseqüentemente, é o tipo de leitor que faz mais uso de seu conhecimento prévio do que da informação propriamente dita do texto.

No processo descendente, o leitor estimula os chamados pacotes de esquemas, isto é, conhecimentos já estruturados, acompanhados de instruções para determinado uso. Estes pacotes de esquemas ligam-se a outros esquemas ou subesquemas e acionam uma rede de inter-relações que são ativadas no ato da leitura, produzindo significações e situações novas.

A partir destas perspectivas cognitivistas e das concepções sobre o estudo de gêneros é que se propôs um trabalho de leitura, formação de conceito e produção textual em sala de aula, tendo por base o gênero carta de apresentação.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Com o objetivo de trabalhar textos em situações concretas e reais de comunicação, são apresentados aqui os resultados de uma prática de leitura e produção de texto em sala de aula. Esse trabalho, como já mencionado, foi desenvolvido com alunos do curso técnico Secretariado de uma escola pública de Cruz Alta, em 2006, na disciplina de *Português: redação técnica e empresarial*, sendo que a carta de apresentação faz parte do seu plano de curso e constituiu-se no gênero selecionado para relacionar a teoria aqui explorada à prática observada.

Primeiramente, foi realizada uma pesquisa em materiais didáticos para que os alunos pudessem compreender o conceito de carta de apresentação. O interesse dos estudantes nesta pesquisa foi unânime, devido ao fato de desejarem e necessitarem elaborar sua própria carta de apresentação para anexar ao curriculum vitae, que já havia sido produzido.

Em seguida, foi feita a sugestão para que os alunos realizassem uma coleta de exemplares do gênero em empresas do município que dispusessem e fornecessem cartas de apresentação endereçadas a ela, como solicitação de emprego de um candidato. Esta atividade foi uma tanto árdua, pois nem todas as empresas forneceram exemplares.

Na etapa seguinte, passou-se à análise dos exemplares coletados. Os alunos procuraram identificar a estrutura adequada do texto, considerando as produções de candidatos que foram contratados pelas empresas, identificando problemas na linguagem daqueles que não foram classificados. Assim, conseguiram formular seu próprio conceito das características positivas de uma carta de apresentação.

Como última etapa do processo, foi coletado um anúncio de emprego na mídia local e distribuído aos alunos, para motivá-los a escreverem suas cartas de apresentação numa situação real de uso.

Os textos passaram por três processos de revisão, o primeiro realizado por colegas, o segundo discutido em pequenos grupos, mediados pela educadora, e o terceiro realizado por uma psicóloga, responsável por uma empresa de consultoria que presta serviços a outras empresas no processo de seleção de candidatos a emprego. As cartas de apresentação, então, acompanhadas dos respectivos currículos foram endereçadas à empresa que estava oferecendo a vaga de emprego.

Das atividades mentais que compõem a produção textual, a revisão talvez tenha sido a mais difícil, pois quando os alunos tiveram consciência de que seus textos iriam circular além da escola e que eles iriam participar de um processo seletivo real, a revisão passou a ser uma meta prioritária.

Alguns alunos foram chamados para a entrevista pessoal e uma das estudantes chegou ao final do processo, sendo contratada para trabalhar como secretária em uma clínica psiquiátrica.

Assim, entende-se que o processo de ensino deste gênero constituiu-se em uma atividade movida pela necessidade, isto é, o que motivou os alunos a explorar o conhecimento sobre o gênero — a partir da pesquisa e da formação de conceitos — e a produzi-lo foi, sem dúvida, a necessidade real de adequar sua linguagem e seus conhecimentos às exigências da empresa que dispunha a vaga.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos estudos de Vygotsky, foi possível confirmar o papel da escola e dos educadores na construção do conhecimento. Constatou-se que a postura do professor deve ser de investigador, criando desafios que confrontem a vontade e o intelecto do aluno com uma necessidade a ser suprida.

A necessidade pode ser criada a partir da leitura e produção de gêneros textuais, que são como ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo. O que se pode afirmar com a prática relatada é que o trabalho com gêneros textuais é uma excelente oportunidade de se lidar com a lín-

gua em seus mais diversos usos no dia-a-dia, especialmente, neste caso, os do contexto profissional e empresarial, pois nada do que se faz em termos de linguagem está fora de ser um gênero.

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 280-326.

BAZERMAN, C.; A. P. DIONÍSIO; J. C. HOFFNAGEL. (Orgs.). *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2005.

DIONÍSIO, Ângela. MACHADO, A. R. BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

FARNHAM-DIGGORY, Sílvia. *Cognitive process in education*. New York: Harper Collins, 1992.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1983.

FREITAS, M. T. de A. *Vygotsky e Bakhtin psicologia e educação: um intertexto*. São Paulo: Ática, 2002.

IRWIN, J. W.; DOYLE, M. A. *Reading/Writing connections: Learning from research*. Nova York: International Reading Association, 1992.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 1989.

LEONTIEV, Aléxis. *O desenvolvimento do psiquismo*. São Paulo: Moraes. s/d.

_____. Os princípios do desenvolvimento mental e o problema do atraso mental. In: LURIA, A. R. et al.. *Psicologia e Pedagogia I: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento*. Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Editora Moraes. 1991.

LURIA, Alexander R. *Desenvolvimento cognitivo: seus fundamentos culturais e sociais*. São Paulo: Ícone, 1990.

MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.) *Parâmetros de Textualização*. Santa Maria: Ed. UFSM, 1997.

OLIVEIRA, Marcos, Oliveira Marta (orgs). *Investigações cognitivas: conceitos, linguagem e cultura*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

RICHTER, Marcos Gustavo. *Ensino de português e interatividade*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2000.

SCHNEUWLY, Bernard e DOLZ, Joaquim: *Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. Revista Brasileira de Educação*, nº 11, p. 5-15, mai/jun/jul/agos 1999.

STERNBERG, Robert J. *Psicologia Cognitiva*. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 1992.

VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fortes, 1998.